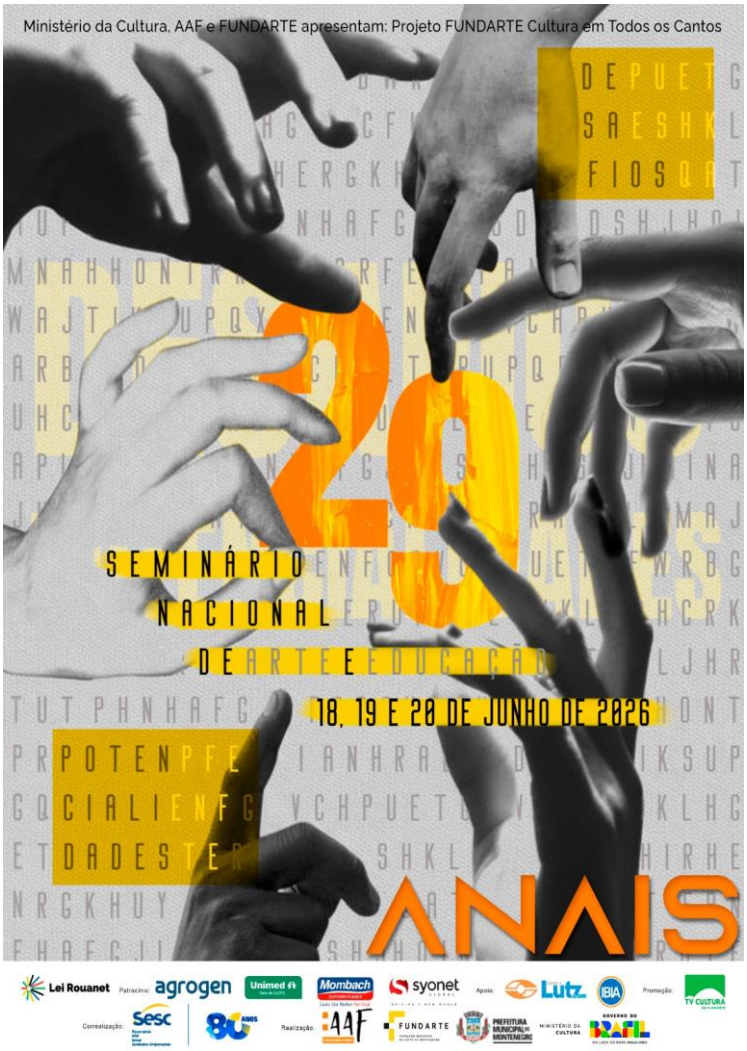


NA RODA DA CRIAÇÃO: DANÇA AUTORAL E VALORIZAÇÃO DAS DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS NO PIBID/DANÇA RELATO DE EXPERIÊNCIA

Acessibilidade, Violência, Tecnologias e Sustentabilidade.

Cátia Cilelene Saabedra Sena
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Pelotas/RS, Brasil

Ludmila Coutinho
Taís Chaves Prestes
Secretaria Municipal de Educação – SME, Pelotas/RS, Brasil

Josiane Franken Corrêa
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Pelotas/RS, Brasil

Eixo temático: Sustentabilidade

SENA, Cátia Cilelene Saabedra; COUTINHO, Ludmila; PRESTES, Taís Chaves; CORRÊA, Josiane Franken. NA RODA DA CRIAÇÃO: DANÇA AUTORAL E VALORIZAÇÃO DAS DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS NO PIBID/DANÇA. **Anais**....29º Seminário Nacional de Arte e Educação da FUNDARTE- ISSN 2359-6120. Montenegro, e1965, Ano 2026.

Resumo

Este relato de experiência apresenta as vivências pedagógicas iniciais de uma docente em formação no projeto PIBID/Dança da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), desenvolvidas na E.M.E.F. Francisco Caruccio com uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental. A proposta trabalhou a temática das personalidades negras e das danças afro-brasileiras, buscando valorizar a cultura, os saberes ancestrais e as diferentes formas de expressão das crianças. Como base teórica, o trabalho dialoga com as discussões formativas do PIBID, com as reflexões de Márcia Strazzacappa sobre dança criativa e com as contribuições de Carla Char e Marlucy Alves Paraíso acerca da aula como espaço de experimentação. A experiência mostrou que flexibilizar o planejamento não foi um problema, mas uma forma de escutar as necessidades da turma e respeitar o tempo das crianças. Nesse percurso, a dança autoral e a roda tornaram-se espaços de troca, acolhimento e expressão, ajudando muitas crianças a vencerem a timidez e a se reconhecerem em suas próprias formas de criar e existir, fortalecendo uma prática de arte-educação comprometida com a valorização da cultura afro-brasileira.

Palavras-chave: PIBID/Dança; dança na escola; cultura afro-brasileira; dança autoral; formação docente.

Introdução ao contexto da experiência

Iniciar a trajetória na docência é atravessar um caminho cheio de expectativas, inseguranças, aprendizados e também de muitos desejos. Entre eles, o desejo de ensinar, de construir vínculos verdadeiros com os estudantes e de encontrar formas sensíveis de fazer da sala de aula um espaço de troca. Este relato de experiência nasce justamente desse começo: da minha entrada no subprojeto PIBID/Dança da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no final do ano letivo de 2025.

Diferente de outras bolsistas que já possuíam parcerias estabelecidas e experiências compartilhadas no projeto, meu ingresso aconteceu de forma solo, o que trouxe desafios importantes para minha formação. Estar sozinha na construção e condução das primeiras práticas pedagógicas despertou um misto de frio na barriga, ansiedade e vontade de fazer dar certo, especialmente por ainda não conhecer profundamente a realidade da turma, seu tempo, interesses e formas de participação.

As experiências aqui relatadas aconteceram na Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F.) Francisco Caruccio, com uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, acompanhada pela professora regente Ludmila Coutinho. Ao planejar

minha proposta, movida pelo entusiasmo e pela vontade de compartilhar muitos aprendizados, organizei uma aula que acabou se mostrando extensa para o tempo disponível de um encontro de 45 minutos.

Com o passar da aula, compreendi que esse planejamento maior do que o tempo permitido não significava um erro, mas um importante aprendizado sobre a docência. Foi necessário reorganizar a proposta, dividi-la em dois encontros e, principalmente, aprender a escutar o ritmo das crianças, entendendo que o tempo da escola nem sempre acompanha o tempo das nossas expectativas. Assim, aquilo que inicialmente parecia uma dificuldade acabou se tornando uma oportunidade de olhar com mais atenção para o processo, respeitando o modo de participação e aprendizagem da turma.

Essa experiência, além de me aproximar dos desafios reais do cotidiano escolar, também me fez perceber que desenvolver práticas em dança na escola envolve muito mais do que conduzir atividades: exige escuta, sensibilidade, adaptação e disponibilidade para construir caminhos junto com os estudantes.

Fundamentação e reflexão teórica

Pensar a dança no espaço escolar exige compreender que ela vai muito além da repetição de movimentos ou da construção de coreografias prontas. Nos encontros formativos do PIBID/Dança, fomos constantemente provocadas a refletir sobre uma prática pedagógica mais sensível, que acolhesse os diferentes corpos, histórias e formas de expressão presentes na escola. Essas discussões ajudaram a sustentar minhas primeiras experiências como docente em formação e também orientaram as escolhas feitas para essa proposta pedagógica.

Entre os referenciais que atravessaram esse processo, o texto *A tal "Dança Criativa": Afinal, que dança seria?,* de Márcia Strazzacappa, contribuiu de maneira significativa para pensar a dança como um espaço de criação e descoberta. Segundo Strazzacappa (2010), a dança na escola não deve ter como objetivo formar bailarinos profissionais nem se limitar à reprodução de passos prontos ou modelos corporais idealizados. Pelo contrário, a autora propõe compreender a dança criativa como uma possibilidade de exploração, imaginação e construção de movimentos a partir das próprias experiências dos estudantes.

Essa compreensão fez muito sentido para a prática realizada com a turma do 3º ano, especialmente porque a proposta buscava criar um espaço em que as crianças se sentissem seguras para experimentar, inventar e se expressar sem medo de errar. Mais do que executar movimentos “certos”, o que importava era abrir possibilidades para que cada criança pudesse participar à sua maneira, trazendo suas referências, curiosidades e formas de sentir a dança.

Nesse sentido, as reflexões de Carla Char e Marlucy Alves Paraíso também passaram a fazer muito sentido, pensar na aula como um espaço de construção coletiva. De acordo com Char e Paraíso (2020), a dança na escola pode ser compreendida como uma experiência de experimentação, em que o processo vivido se torna mais importante do que a busca por um resultado final perfeito. Ao olhar para a aula depois de vivida, reconheço muitos aspectos dessa perspectiva no que foi desenvolvido com a turma, especialmente na abertura dos encontros, os imprevistos e às transformações que foram acontecendo ao longo do processo.

Essa perspectiva dialoga diretamente com as experiências vividas no PIBID/Dança, onde muitas vezes experimentamos propostas corporais simples, sem a preocupação com acertos ou erros, mas valorizando o processo, a convivência e a escuta do grupo. Foi justamente essa sensibilidade que procurei levar para dentro da escola: uma dança que respeitasse os diferentes tempos das crianças, incentivasse a autonomia e possibilitasse a construção de um espaço de acolhimento e participação.

Aos poucos, fui compreendendo que trabalhar com a dança na escola também significa aprender a observar, adaptar e escutar. Nem sempre a aula acontece exatamente como foi planejada, mas isso não diminui sua potência. Em muitos momentos, é justamente no inesperado que surgem os aprendizados mais significativos.

Descrição das práticas desenvolvidas

A proposta pedagógica desenvolvida com a turma do 3º ano do Ensino Fundamental teve como tema central as **personalidades negras e as danças afro-brasileiras**, buscando dialogar com a valorização das matrizes culturais e com o reconhecimento da diversidade, conforme previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

especialmente nas habilidades EF15AR08 e EF15AR11[1]. Mais do que apresentar conteúdos, a intenção era possibilitar um encontro com histórias, culturas e formas de expressão que fazem parte da construção da identidade brasileira, mas que muitas vezes ainda aparecem pouco no cotidiano escolar.

Inicialmente, o planejamento foi pensado para acontecer em um único encontro. Porém, ao perceber que o tempo da aula não seria suficiente para contemplar tudo o que havia sido organizado, tornou-se necessário reorganizar a proposta e dividi-la em dois momentos. Embora isso tenha gerado certa insegurança no início, depois compreendi que essa mudança permitiu um olhar mais atento para o processo vivido pelas crianças, respeitando o tempo necessário para cada descoberta.

No primeiro encontro, o foco esteve voltado para a aproximação com a temática de forma mais afetiva e contextualizada. A aula iniciou com uma conversa de acolhimento, em que buscamos dialogar sobre cultura afro-brasileira, identidade e representatividade. Também foram apresentados vídeos relacionados às personalidades negras e às danças afro-brasileiras, com o intuito de despertar a curiosidade das crianças e ampliar seus olhares sobre diferentes formas de movimento, histórias e expressões culturais. Mais do que assistir aos vídeos, a proposta buscava provocar escuta, observação e diálogo. Aos poucos, as crianças começaram a reconhecer ritmos, movimentos e formas de dançar que despertavam interesse e curiosidade, criando um primeiro contato com aquilo que seria aprofundado corporalmente no encontro seguinte.

No segundo encontro, a proposta voltou-se para a vivência prática da dança. A aula iniciou retomando as memórias do encontro anterior, conversando sobre o que as crianças lembravam, o que mais havia chamado atenção e quais movimentos tinham despertado curiosidade.

Em seguida, organizamos uma grande roda para o aquecimento corporal. A escolha pela roda não aconteceu por acaso, ela favoreceu o encontro, a troca de olhares e a sensação de pertencimento ao grupo. Durante esse momento, realizamos movimentos de aquecimento envolvendo articulações, pés, quadril e pulsações

[1] As habilidades EF15AR08 e EF15AR11 complementam-se ao incentivar a experimentação de diferentes formas de dança e a criação de movimentos individuais e coletivos, ampliando o repertório corporal, a expressividade e a construção de sentidos por meio do movimento.

rítmicas, preparando o corpo de forma gradual e respeitosa, inspirados nas movimentações observadas nas danças afro-brasileiras.

A principal atividade aconteceu por meio de uma brincadeira rítmica em roda, envolvendo palmas, batidas no próprio corpo e deslocamentos coletivos. Aos poucos, a turma foi entrando na proposta, explorando ritmos e interações de forma leve e participativa.

Um dos momentos mais significativos da prática aconteceu quando propus que cada criança pudesse criar ou apresentar um movimento inspirado nos vídeos assistidos ou em sua própria imaginação, para que o grupo inteiro repetisse. Uma a uma, as crianças foram ocupando esse espaço de criação. No início, alguns demonstraram timidez, observando antes de participar. Mas, aos poucos, o ambiente de acolhimento e incentivo permitiu que fossem se sentindo mais confiantes.

Ao final, os movimentos criados individualmente foram sendo costurados em uma sequência coletiva, transformando diferentes gestos e ideias em uma dança construída por todos. A roda, então, tornou-se um espaço de troca, criação e reconhecimento das singularidades presentes no grupo.

Análise crítica das experiências

Ao olhar para essa experiência com um pouco mais de distância, percebo que a necessidade de dividir o plano de aula em dois encontros acabou se transformando em uma importante aprendizagem sobre o fazer docente. O que inicialmente parecia uma falha no planejamento revelou algo essencial, a escola possui seu próprio tempo, e aprender a respeitá-lo também faz parte da formação de quem ensina.

Se, no primeiro encontro, as crianças tiveram a oportunidade de se aproximar da temática através da conversa, da escuta e da observação dos vídeos, no segundo momento puderam experimentar essas referências com o próprio corpo. Aos poucos, aquilo que antes era apenas visto começou a ganhar movimento, ritmo e significado na experiência coletiva da turma.

Nesse sentido, as reflexões de Márcia Strazzacappa ajudam a compreender melhor o que aconteceu na prática. Segundo Strazzacappa (2010), quando a dança é proposta como espaço de criação e experimentação, os estudantes podem participar de forma mais espontânea, utilizando a imaginação e construindo sentidos próprios

para aquilo que vivenciam. Durante a roda, foi possível perceber justamente esse movimento: não havia uma preocupação com passos perfeitos ou movimentos “certos”, mas sim com a possibilidade de criar, experimentar e participar.

Ao longo da atividade, também surgiram desafios muito presentes no cotidiano das crianças, como a vergonha, a timidez e o receio de se expor diante dos colegas. Em alguns momentos, era possível perceber olhares inseguros, risos tímidos ou a hesitação antes de mostrar um movimento para o grupo. No entanto, à medida que a roda acontecia e que cada proposta era acolhida sem julgamentos, algo começou a mudar. Pouco a pouco, as crianças foram se sentindo mais confiantes para participar. Ver o próprio movimento sendo repetido pelos colegas parecia produzir um sentimento de reconhecimento e pertencimento. O gesto criado por uma criança passava a fazer parte de algo maior, uma construção coletiva em que todas as contribuições tinham valor.

Além disso, o simples ato de olhar para o colega, acompanhar o ritmo da roda, bater palmas e experimentar movimentos inspirados no outro ajudou a fortalecer interações marcadas pelo respeito e pela convivência. De acordo com Char e Paraíso (2020), a aula de dança pode ser compreendida como um espaço de experimentação, no qual o processo vivido se torna tão importante quanto qualquer resultado final. Essa compreensão fez muito sentido ao longo da prática, especialmente porque os momentos mais significativos surgiram justamente do encontro entre as crianças e das experiências construídas no coletivo.Ao trabalhar a temática das personalidades negras e das danças afro-brasileiras, a proposta também buscou contribuir para a valorização da cultura afro-brasileira de maneira sensível e acessível às crianças. Mais do que apresentar informações, a intenção foi criar oportunidades para que elas pudessem se aproximar dessas referências culturais através da escuta, do olhar, do movimento e da criação.

Nesse processo, compreendi que a dança autoral pode se tornar um caminho potente para que as crianças expressem sentimentos, memórias, curiosidades e modos próprios de existir. Quando a sala de aula se torna um espaço seguro de criação, a dança deixa de ser apenas movimento e passa a ser também acolhimento, encontro e reconhecimento.

Considerações finais

Refletir sobre essa primeira experiência no PIBID/Dança me faz compreender que a formação docente vai sendo construída nos encontros, nas tentativas, nos ajustes e também nos imprevistos. Mais do que aprender sobre planejamento ou metodologias, essa vivência me ensinou sobre escuta, presença e sensibilidade diante do outro.Estar sozinha na condução da proposta, especialmente em uma turma cuja realidade eu ainda estava começando a conhecer, despertou muitos sentimentos, insegurança, ansiedade, vontade de fazer o melhor possível e, ao mesmo tempo, um desejo profundo de construir uma experiência significativa com as crianças. Aos poucos, fui entendendo que ensinar não significa ter tudo sob controle, mas aprender a caminhar junto com os processos que surgem no cotidiano da escola.

Aquilo que inicialmente me pareceu um problema, perceber que o planejamento estava grande demais para o tempo da aula, acabou se transformando em uma das aprendizagens mais importantes dessa experiência. Aprender a desacelerar, reorganizar a proposta e respeitar o tempo de envolvimento das crianças me mostrou que o planejamento pedagógico também precisa ser flexível e sensível às necessidades do grupo.

Nesse percurso, a roda ocupou um lugar muito especial. Mais do que organizar a aula, ela se tornou um espaço de acolhimento, troca e pertencimento. Foi na roda que muitas crianças, aos poucos, encontraram coragem para experimentar movimentos, vencer a timidez e compartilhar algo de si com o grupo. Também foi nela que percebi o quanto a dança pode fortalecer vínculos, estimular a convivência e criar espaços mais respeitosos e afetivos dentro da escola.Segundo Strazzacappa (2010), a dança na escola pode abrir caminhos para a imaginação, a criação e a expressão dos estudantes, valorizando suas singularidades. Da mesma forma, as reflexões de Char e Paraíso (2020) ajudam a compreender que a potência da aula de dança está no processo vivido, nas experiências construídas e nas possibilidades que surgem a partir do encontro.

Ao final dessa experiência, levo comigo a compreensão de que ensinar dança na escola é, antes de tudo, um ato humano de encontro. Um encontro entre histórias, corpos, culturas e diferentes formas de aprender e se expressar. Ao trabalhar a

valorização da cultura afro-brasileira através da dança, foi possível perceber que pequenas experiências também podem gerar grandes aprendizagens, tanto para as crianças quanto para quem está começando a trilhar o caminho da docência.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2018.

CHAR, Carla; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Aula-experimentação com dança: demanda de um currículo-dançante.** *Currículo sem Fronteiras*, v. 20, n. 3, p. 953–976, set./dez. 2020.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A tal "Dança Criativa": afinal, que dança seria?** In: TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana (org.). *Algumas perguntas sobre dança e educação*. Joinville, SC: Nova Letra, 2010. p. 39–46.

Nome do Autor: Cátia Cilene Saabedra Sena

Minibiografia: Meu nome é Cátia Cilene Saabedra Sena, sou acadêmica do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e bolsista do PIBID/Dança. Tenho interesse nas práticas de dança no contexto escolar, especialmente em propostas que valorizam a criação, a expressão corporal, a cultura afro-brasileira e o respeito às diferentes formas de existir e aprender.

ORCID: 0009-0007-5326-6688
E-mail: catiacarolinne@gmail.com